

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS VII – CODÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

ILMARA VAZ BASTOS

**EDUCAÇÃO ESPECIAL E LEITURA: O desenvolvimento do projeto
Alfabetização e Letramento na Escola Lalá Ramos da Associação Pestalozzi de
Codó-MA.**

Codó- MA

2018

ILMARA VAZ BASTOS

**EDUCAÇÃO ESPECIAL E LEITURA: O desenvolvimento do projeto
Alfabetização e Letramento na Escola Lalá Ramos da Associação Pestalozzi de
Codó-MA.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas – História da Universidade Federal do Maranhão – Campus Codó– como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Franciele Monique Scopetc dos Santos.

Codó- MA

2018

**EDUCAÇÃO ESPECIAL E LEITURA: O desenvolvimento do projeto
Alfabetização e Letramento na Escola Lalá Ramos da Associação Pestalozzi de
Codó-MA.**

ILMARA VAZ BASTOS

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Humanas – História da
Universidade Federal do Maranhão – Campus
Codó– como requisito parcial para obtenção do
grau de Licenciada em História.

Aprovada em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Franciele Monique Scopetc dos Santos- UFMA

Orientadora

Prof^o. Me. Luís Henrique Serra- UFMA

1º Examinador

Prof^a. Esp. Maria Evelta Santos de Oliveira- UFMA

2º Examinador

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Bastos, Ilmara Vaz.

EDUCAÇÃO ESPECIAL E LEITURA : O desenvolvimento do projeto Alfabetização e Letramento na Escola Lalá Ramos da Associação Pestalozzi de Codó- MA / Ilmara Vaz Bastos. - 2018.

50 p.

Orientador(a): Franciele Monique Scopetc Santos.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - História, Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2018.

1. Contação de História. 2. Educação Especial. 3. Narrativas. I. Santos, Franciele Monique Scopetc. II. Título.

“Senhor, tu és a minha porção e o meu cálice; és tu que garantes o meu futuro”.

(Salmos 16:5)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus.

A minha família por ter me apoiado em todos os momentos de entusiasmo e exaustão, por sempre acreditarem nos meus sonhos e objetivos ao longo desta caminhada, especialmente a minha mãe Ildenê por incentivar a busca e conquista de novos propósitos. Ao meu namorado Diego Duailibe, por estar comigo desde o início dessa longa jornada, por todo o carinho, a paciência e incentivo.

A minha querida orientadora Prof^ª. Dr^ª. Franciele Scopetc por ter contribuído para a realização desse trabalho, por toda a paciência durante as longas horas de orientação e por todo o incentivo, por ter me proporcionado e guiado meus conhecimentos a esse objetivo. Ao querido Prof^º. Esp. Wolney, por ter contribuído gentilmente na finalização desta pesquisa, por todas as dicas e dúvidas esclarecidas, É imensurável a minha gratidão.

Agradeço também a todos os discentes que estiveram diretamente ligados à minha construção acadêmica, e que me marcaram positivamente de alguma forma, sempre me lembrarei de cada um com um enorme carinho. Em especial a querida prof^ª. Dr^ª. Cristiane Dias, coordenadora do projeto “Alfabetização e Letramento na Educação especial” que me recebeu como participante do projeto e que hoje é o objeto desta pesquisa, e aos colegas de projeto (bolsistas e voluntários) em especial aos Alunos Leandro e Neilma pela contribuição para a construção do presente trabalho.

A todos os alunos, professores e funcionários da Associação Pestalozzi de Codó por sempre ter me recebido de forma calorosa durante esses anos de projeto. Essa foi uma das mais fundamentais e prazerosas experiências da minha vida acadêmica.

A todos os meus amigos e colegas da turma de Ciências Humanas/História 2011.2 por terem feito dessa jornada uma grande aventura de conhecimento, companheirismo e sobre tudo, respeito.

A todos os alunos da UFMA com quem tive o prazer de conviver e que contribuíram para os bons momentos e descontração dentro da universidade.

Enfim, agradeço a todos que sempre estiveram ao meu lado me incentivando e torcendo pelo meu sucesso, e graças a vocês, hoje eu posso dizer: eu consegui!

RESUMO

A presente pesquisa aborda a importância da leitura como forma de expressão e socialização, tendo como foco o projeto Alfabetização e Letramento na Educação especial, desenvolvido por alunos voluntários da Universidade Federal do Maranhão - Campus de Codó, na escola Lalá Ramos da Associação Pestalozzi de Codó. A investigação ressalta a inclusão em seu aspecto social e legal através de pesquisa bibliográfica, tendo como base autores como: Mantoan (2011), Lippi e Fink (2012), Alves (2012). A metodologia se perfaz na ordem qualitativa de interpretação, foi orientada pela pesquisa-ação, onde o pesquisador age e interage no campo da intervenção, a partir das narrativas das experiências de voluntários do projeto objetivamos uma ação que ao mesmo tempo em que investiga, descreve e registra o universo pesquisado permite ao pesquisador um elo entre teorias e práticas. Concluímos com a relação teoria e prática que a contação de história pode deixar de ser um ato mecânico e se transformar em um ato vivo, prazeroso e significativo para o aluno, quando ele passa a fazer parte das histórias que ouve. Percebemos também a partir de nossas análises que as experiências vivenciadas pelos voluntários ao longo do projeto resultaram em uma contribuição para as suas vidas pessoais e suas práticas profissionais, observou-se os resultados positivos deste projeto nesta instituição que acolhe alunos com diversas deficiências.

Palavras-chave: Educação Especial. Contação de História. Narrativas.

ABSTRACT

This research approaches the importance of lecture how expression and socialization, having how focus the project literacy in special education, developed by voluntared students of Federal University of Maranhão, Campus City of Codó, in Lalá Ramos school of Pestalozzi Association in Codó. This Investigation stand out the inclusion on this social and legal aspect through of bibliographic research, having how authors: Mantoan (2011), Lippi and Fink (2012), Alves (2012). The methodology is made in the qualitative order of interpretation, was guided by action research, where the researcher acts and interacts in the field of intervention, from the narratives of the volunteer experiences of the project we aim for an action that while researching, describing and recording the researched universe allows the researcher a link between theories and practices. We conclude with the relation theory and practice that storytelling can cease to be a mechanical act and become a living act, pleasurable and meaningful for the student, when he becomes part of the stories he hears. We also perceived from our analyzes that the experiences the volunteers experienced during the project resulted in a contribution to their personal lives and their professional practices, we observed the positive results of this project in this institution that welcomes students with various disabilities

Key words: Special Education. Storytelling. Narratives.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. BREVE ABORDAGEM SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA.....	12
2.1 Associação Pestalozzi de Codó- MA	16
2.2 Plano Municipal de Educação	18
2.3 Plano Estadual de Educação.....	20
3. METODOLOGIA DE PESQUISA: pesquisa-ação	24
3.1 Contação de história como prática pedagógica	26
3.2 Projeto Alfabetização e Letramento na Educação Especial	30
3.3 Relato de experiências.....	31
4. RESULTADOS: relacionando experiências	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICES.....	45

1. INTRODUÇÃO

O interesse em realizar o presente trabalho surgiu a partir da participação inicialmente como voluntária e, posteriormente, como bolsista do projeto “Alfabetização e Letramento na Educação Especial” desenvolvido na Escola Lalá Ramos da instituição Pestalozzi de Codó, sob coordenação da Prof^ª. Dr^ª. Cristiane Dias. O projeto era realizado uma vez por semana antes do início da aula, no turno matutino, e proporcionou momentos de contações de histórias, através de metodologias específicas para atender às necessidades da demanda da referida instituição. Através do contato e da vivência com alunos e professores da escola surgiu o interesse em se aprofundar a temática da qual a aluna- pesquisadora era responsável por expressar e incentivar a leitura através dos momentos de contação.

Com o projeto, observou-se a necessidade da instituição ter um espaço apropriado para a realização de atividades literárias, uma vez que a instituição não possui biblioteca ou sala de leitura, nem acervo de livros. Com o projeto foi possível perceber que os alunos da instituição obtiveram um maior contato com a leitura e as histórias infantis, percebeu-se também o interesse dos alunos pelos momentos de contações sempre aguardado com grande entusiasmo.

Diante disso surgiram algumas questões norteadoras para a investigação: Se as contações de histórias desenvolvidas pelo projeto podem metodologicamente auxiliar os professores a incentivar o interesse da leitura pelos alunos? A contação de história pode auxiliar na aprendizagem dos alunos com necessidades especiais? E se as metodologias aplicadas pelo projeto podem contribuir para o desenvolvimento cognitivo e emocional desses alunos?

Nesse sentido, buscou-se enfatizar a importância da leitura, de modo que os alunos fossem capazes de se expressar e socializar no âmbito familiar e escolar. Evidenciando que é preciso buscar alternativas que facilite a aprendizagem de modo que a instituição ofereça um ensino de qualidade aos alunos portadores de necessidades especiais.

Acredita-se que as práticas de leitura são importantes para a formação de futuros leitores. Portanto, essa pesquisa justifica-se pela necessidade de investigar as metodologias aplicadas e qual o efeito das mesmas sobre os alunos da referida instituição. Assim, a presente pesquisa se articula em cinco itens/ sessões: no primeiro item faz-se a introdução com um aspecto geral sobre a temática em que estuda, o item 2, aborda o conceito de educação inclusiva como processo de construção através de políticas públicas a partir do ponto de vista de alguns teóricos, além de apresentar o contexto histórico e características da instituição Pestalozzi, abordará também o Plano Municipal de Educação com a finalidade de se conhecer e compreender as metas relacionadas à favorecer a educação de crianças/pessoas com necessidades especiais no ensino regular da cidade de Codó, seguido do Plano Estadual de Educação, que busca apresentar as propostas para a melhoria educacional desses alunos no estado do Maranhão.

No terceiro item, apresenta-se a perspectiva metodológica que consistiu no conceito de investigação, metodologia aplicada a partir da contação de história, e através das narrações dos participantes do Projeto Alfabetização e Letramento na Educação Especial.

No item 4, relaciona-se a experiência da atividade empírica através das narrações com a teoria a respeito das contações de história como metodologia de ensino- aprendizagem.

No item 5, faz- se as considerações finais do trabalho, de acordo com os resultados obtidos durante o seu desenvolvimento na Escola Lalá Ramos através do Projeto Alfabetização e Letramento na Educação Especial.

2. BREVE ABORDAGEM SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

O modelo de educação inclusiva ganhou força na segunda metade da década de 1990 com a Declaração de Salamanca (1994), propondo que todas as crianças tenham acesso à rede regular de ensino. Posteriormente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394/96. Desde então, as leis e decretos possibilitam uma garantia de ensino à criança portadora de necessidades especiais, a exemplo do decreto nº 7.611/11 do Ministério da Educação (MEC), que dispõe sobre a educação especial, assegura a garantia de um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades e oferta de educação especial preferencialmente na rede regular de ensino. Assim, através das leis que regulamentam o ensino da pessoa com deficiência no ensino regular:

[...] há um acento na difusão da ideia, segundo a qual “todos” deveriam estudar juntos, frequentar as mesmas escolas, romper com a existência de dois “sistemas” de ensino constituídos por uma rede de escolas regulares e uma rede paralela de instituições de educação especial (MICHELS; GARCIA 2014, p. 162).

As instituições de educação especializada eram as responsáveis pelo atendimento dessas crianças, até o momento em que se pensou a educação de forma inclusiva, ao garantir que todas as crianças, independente de suas condições sócio-econômicas e psicomotoras fossem atendidas no sistema regular. Nesse sentido, assevera Glat e Fernandes que:

O “deficiente pode se integrar na sociedade” tornou-se, assim, a matriz política, filosófica e científica da Educação Especial. Este novo pensar sobre o espaço social das pessoas com deficiências, que tomou força em nosso país com o processo de redemocratização, resultou em uma transformação radical nas políticas públicas, nos objetivos e na qualidade dos serviços de atendimento a esta clientela (GLAT; FERNANDES 2005, p.03).

Mudando o modelo de educação, o Estado passou a assumir a responsabilidade de manter e atendê-las no ensino regular. Observa-se esta premissa no Caderno de Educação Especial, que diz que:

Se antes, as políticas de educação especial favoreciam a segregação de pessoas com deficiência em classes e escolas especiais, por estas não avançarem na educação, a partir de 2008, com a Política de Educação Especial na Perspectiva de uma Educação Inclusiva, a educação especial, a luz de uma nova perspectiva, é entendida como uma modalidade transversal de educação, perpassando por todos os níveis, etapas e modalidades, e atua

complementando e suplementando o ensino regular, por meio de atendimento educacional especializado – AEE (BRASIL, Ministério da educação, 2012, p. 32).

Ainda, segundo o Caderno de Educação Especial (BRASIL, 2012), o ministério de educação elabora a política de educação com o objetivo de assegurar a inclusão de alunos com deficiência, altas habilidades, superdotação, garantir atendimento educacional especializado, desenvolvimento profissional, utilização de recursos de acessibilidade e articulação de políticas públicas.

A educação inclusiva, regida através das políticas públicas, é necessária para se estabelecer o cumprimento da cidadania e dos direitos sociais. Políticas públicas segundo Lopes (2013) atendem princípios de um governo e mudam conforme o regime e formas de governo e expressam conquistas sociais, ou seja, as políticas públicas atendem às necessidades de determinada sociedade em determinado tempo e contexto social. Na obra *Inclusão & Educação*, Lopes (2013, p. 82), afirma que, “políticas de inclusão em geral bem como as de inclusão escolar, funcionam como potentes estratégias biopolíticas que buscam garantir a segurança das populações, por meio da diminuição do risco social”.

Na obra *Sistema Educacional Inclusivo: conceito e implicações na política educacional brasileira*, Michels e Garcia (2014, p. 161) asseveram que “[...] as políticas públicas educacionais ‘inclusivas’ estão orientadas por dois pilares: distribuição de renda e ampliação do número de alunos regularmente matriculados no sistema educacional”. A partir do debate com as autoras pode-se inferir que foram através das políticas públicas de inclusão escolar, estas capazes de estabelecer uma igualdade de oportunidades de educação para todas as crianças, as mesmas também estabeleceram uma igualdade na distribuição de renda e, conseqüentemente, uma maior igualdade social.

Sobre a inclusão, Lopes (2013) diz que, partia então da necessidade de se governar o social, através de políticas públicas, nas quais o sujeito passou a ter uma nova concepção dentro da sociedade. Na contemporaneidade, houve a necessidade de se discutir a efetivação de políticas públicas que atendessem às necessidades sociais e ao quadro atual da política brasileira. Na obra: *O Desafio das Diferenças nas Escolas*, Mantoan (2011, p. 17) afirma que “[...] garantirem às pessoas com deficiência seu direito a igualdade, talvez sejam uma contribuição para a melhoria do ensino em geral”.

A educação inclusiva, portanto, deve garantir o atendimento da criança com deficiência na rede regular de ensino, onde os professores e as instituições, de modo geral, têm que se adequar às necessidades da criança. Ainda na obra *Sistema Educacional Inclusivo: conceito e implicações na política educacional brasileira*, Michels e Garcia asseveram que:

[...] inclusão, que exige sempre um complemento: social, educacional, escolar. Também destacamos o tratamento do termo em foco como adjetivo para mudar questões históricas presentes na sociedade moderna; educação, sistema educacional, currículo, todos agora adjetivados como inclusivos (MICHELS; GARCIA, 2014, p. 159).

Portanto, a inclusão representa a mudança seja social ou educacional dentro do atual contexto sócio- histórico. A diferença sempre foi sinônimo de desigualdade em direitos na sociedade. Segundo Lopes (2007), a diferença representa algo negativo, que o sujeito porta algo a ser corrigido, passa a ocupar o lugar do não desejado, do incomum. Portanto, “o processo de inclusão pressupõe que as diferenças tenham espaço dentro do currículo escolar, que as diferentes vozes possam dizer de si” (LOPES, 2007, p.27). Assim, a inclusão pela diferença; não significa impor a igualdade a todos, pelo contrário, possibilitar que todos tenham as mesmas oportunidades levando em conta suas capacidades. De acordo com Mantoan (2011, p.20) “toda criança ou adolescente, mesmo que apresente características muito diferentes da maioria, precisa conviver e se desenvolver com sua geração, sendo que o espaço privilegiado para que isso ocorra é a escola”.

Deste modo, percebe-se a necessidade de lutar pelos direitos de inclusão, para Lopes (2007), a inclusão nasce da vontade de um coletivo, grupos que hoje lutam para participarem de todos os âmbitos da vida social: escola, trabalho, comunidade. Concatenando a partir do pensamento de Lopes (2007), a inclusão ganha status de verdade e de realidade a partir de suas reproduções nas narrativas.

Quando os serviços de educação especial substituem totalmente os serviços realizados no ensino regular fica caracterizada a negação ou restrição de direitos, sendo isto, uma discriminação, pois o aluno fica a margem do mesmo direito que todos da sua idade exercem (MANTOAN, 2011). Isso ocorre quando se acredita que o atendimento mais adequado para a criança com necessidades especiais é o atendimento especializado

e quando as escolas de ensino regular não estão preparadas para esse atendimento. Nesse sentido, corrobora-se com Mantoan:

Ocorre que as escolas tradicionais alegam um antigo despreparo para receber alunos com deficiências- visuais, auditiva, mental e até físicas-, mas nada ou muito pouco fazem no sentido de virem a se reparar. Permanecem, então, as escolas especiais como alternativa, alternativa esta que vem se perpetuando a despeito do ordenamento jurídico e dos benefícios que a inclusão escolar bem feita representa. (MANTOAN, 2011, p. 21)

Mesmo com as leis que regularizam o atendimento educacional de crianças com deficiência na rede regular de ensino, muitas barreiras são encontradas para a efetivação da lei, como a alegação do despreparo das escolas em receber esses alunos, mesmo este sendo um dever do Estado. Uma vez que a escola de atendimento especializado busca atualmente assegurar apoio no atendimento destas crianças no ensino regular, como afirma Glat e Fernandes:

[...] a Educação Especial que por muito tempo configurou-se como um sistema paralelo de ensino, vem redimensionando o seu papel, antes restrito ao atendimento direto dos educandos com necessidades especiais, para atuar, prioritariamente como suporte à escola regular no recebimento deste alunado (GLAT; FERNANDES, 2005, p.01).

O Estado é responsável por oferecer a educação inclusiva e as instituições especializadas as quais ensinam a partir de “[...] um sistema de suporte permanente e efetivo para os alunos especiais incluídos, bem como para seus professores” (GLAT; FERNANDES 2005, p.05). Já as instituições especializadas oferecem um apoio ao ensino regular com a finalidade de atender a diversidade de seus alunos, de forma que estes tenham a mesma qualidade e oportunidade na educação, pois o atendimento especializado não substitui o atendimento da criança no ensino regular. Partindo dessa premissa, na obra: O desafio das diferenças nas escolas Mantoan (2011, p. 20), assevera que, “o atendimento educacional especializado, ou educação especial, se realizado dessa forma, como apoio, não se traduz em negação de acesso a direitos”. Não se pode manter a criança com deficiência apenas no ensino regular ou apenas na instituição especializada, pois:

As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização, com foco pedagógico e não clínico. É importante lembrar que não deve ser confundido com sala de reforço, e sim como um ensino complementar. Deve ser realizado no turno inverso ao da classe comum, na própria escola ou centro especializado, que realize esse atendimento educacional, a fim de que o aluno não deixe de ter acesso aos conteúdos curriculares e conviver com os seus pares (BRASIL. Ministério da educação, 20012, p. 36).

A base de modelo de educação inclusiva é estabelecida pelas políticas públicas e um dever do Estado e dos gestores em manter os alunos matriculados no ensino regular. Cabe aos centros especializados apoiarem no atendimento a essa demanda específica quando as procuram para aprender o Braille e a língua de sinais, por exemplo, portanto, “a simples alegação de despreparo representa uma confirmação de que a escola está em uma situação irregular” (MANTOAN, 2011, P.21).

Sendo assim, pode-se observar ao longo da discussão teórica, que o modelo de educação ideal para assegurar qualidade de ensino para a criança com deficiência deve ser o atendimento desta no ensino regular e a instituição especializada como somente um apoio necessário as suas limitações e suas singularidades, por exemplo, no tocante à surdez, o aluno deveria ser encaminhado aos centros especializados às aulas práticas para a aquisição da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) como língua materna a fim de proporcionar a comunicação do surdo. Porém, observa-se que o aluno tem toda a sua formação regular dentro do centro especializado, o que contradiz a premissa da inclusão no ensino regular e dos centros especializados em se consolidar como um apoio. Observa-se ainda que, o centro especializado está se tornando o ensino regular, e nesse sentido que esta pesquisa chama a atenção para o caso específico do município de Codó.

2.1 Associação Pestalozzi de Codó- MA

A primeira escola da Sociedade Pestalozzi do Brasil foi fundada na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, em novembro de 1932, tendo como responsável, a pesquisadora e educadora da criança com deficiência, a professora Helena Antipoff, implantando no país uma política de educação e assistência à essas criança, totalizando, atualmente, 100 instituições espalhadas por todo o país, cuja missão é contribuir para a

melhoria da qualidade de vida, através de ações que valorizem o ser humano, criando assim o maior número de instituições para o atendimento dessas crianças. (HOLANDA; CAMINHA, 2008)

A Escola Lalá Ramos da Associação Pestalozzi, em Codó, localizada na rua Afonso Pena, Centro, tem como objetivo incluir as pessoas com todos os tipos de deficiências no processo educacional. Foi fundada em 22 de maio de 1978, tem por fins de estatuto, assistência, o tratamento e a educação de crianças, adolescentes e adultos que necessitam de assistência psicopedagógica, médica, odontológica e de reabilitação. A associação não tem fins econômicos, firmou parceria com a prefeitura municipal de Codó-Ma, para pagamentos de professores e auxiliares de serviços gerais e para desenvolvimento de alguns projetos, também recebe doações do ministério público e de alguns empresários do município.

A entidade realiza atendimento no âmbito municipal, em sua maioria, os alunos assistidos são oriundos de famílias que vivem abaixo da linha da pobreza e moram nos bairros periféricos do município. Atualmente atende 170 alunos com deficiências variadas: intelectual, física, auditiva, visual, síndromes e múltiplas, sendo turmas do ciclo de alfabetização e dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). A escola atende em dois turnos: matutino, destinado às crianças em fase de alfabetização e ensino fundamental I; e vespertino, atende aos adultos e deficiências específicas, como alunos surdos com o acompanhamento do interprete de LIBRAS e os alunos com deficiência visual, são atendidos em sala separada.

A diretoria da Associação Pestalozzi de Codó, eleita para o triênio 2016-2019 compõe-se: presidente, Eliel dos Santos Lima; 1º vice-presidente, Iedo de Oliveira Barros; 2º vice-presidente, Ataliba Lima Santana; 3º vice-presidente, José Rolim Filho; 4º vice-presidente, Maria Mohana Zaidan; 1º secretária, Diana Maria Rabelo de Almeida; 2º secretária, Maria Rita Santos de Souza; 1º tesoureiro, Francisco Emílio Matos; 2ºtesoureiro, Itamar Muniz. O quadro profissional da instituição é composto por: 02 fonoaudiólogos, 01 fisioterapeuta, 01 pedagoga, 24 professores, em sua maioria com ensino superior ou cursando; 01 enfermeiro, 01 auxiliar de enfermagem, 01 instrutor de informática, 03 professores de educação física, 02vigias, 05 auxiliares de serviços gerais, 04 operadores de telemarketing. A instituição realiza assistências

fonoaudiológicas, pedagógicas, merenda palestra mensais, teste do pezinho para a comunidade em geral, assistência social, aulas de informática, consultas.

A instituição também realiza eventos com a finalidade de aproximar pais e a comunidade em geral da escola, tais como: reunião com pais/responsáveis; festa das mães; participação nas festas juninas dos alunos da Escola no arraial do município; participação na exposição agropecuária de Codó- Ma; palestra com profissionais da área da saúde; organização da Campanha Natal Sem Fome, arrecadando donativos para distribuir à população carente, entre outros. A escola também desenvolve diversos projetos de leitura como, Projeto do Índio e Árvore, Projeto nas Ondas da Leitura e o Projeto Alfabetização e Letramento na Educação Especial, este desenvolvido pelos discentes da Universidade Federal do Maranhão.

A Escola Lalá Ramos é o único centro educacional especializado da cidade de Codó para o atendimento de alunos com deficiência, apesar das leis estabelecerem que os mesmos devam ser atendidos no sistema de ensino regular, assim como qualquer outro aluno sem qualquer deficiência, com profissionais capacitados e qualificados para uma educação de qualidade.

2.2 Plano Municipal de Educação

O município de Codó apresenta um plano de educação, a fim de promover ações que melhorem o sistema municipal de ensino, com a necessidade de promover um planejamento. A longo prazo, o PME traz estratégias e metas fundamentais para a melhoria do ensino regular municipal.

A lei nº 1.727, de 23 de junho de 2015, dispõe sobre o Plano Municipal de Educação (PME) que de acordo com o Art. 1º, o Plano Municipal de Educação (PME), com vigência por 10 (dez) anos, a contar da publicação desta lei, na forma do anexo, com vistas ao cumprimento do disposto no art. 214 da Constituição Federal de 1988. Em seu Art. 2º, dispõe sobre as diretrizes do PME, sobre o portador de necessidades especiais, diz em parágrafo único que “o Poder Público buscará ampliar o escopo das pesquisas com fins estatísticos de forma a incluir informação detalhada sobre o perfil das populações de quatro a dezessete anos com deficiência”.

Através do PME, busca-se aqui apresentar as metas relacionadas a favorecer a educação de crianças/pessoas com necessidades especiais no ensino regular da cidade de Codó.

O PME, em vigor desde 23 de junho de 2015, no total de 20 metas a serem cumpridas no prazo de 10 (dez) anos a partir da publicação da lei, acerbada de estratégias cabíveis para o seu cumprimento. Na perspectiva inclusiva, o PME traz como 4º meta: Garantir, para a população de 04 a 17 anos, o atendimento escolar aos (às) alunos (as) com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, de forma a atender dentro de cinco anos, pelo menos, a 50% da demanda e até o final da década, a sua universalização nas escolas do sistema regular de ensino, garantindo o atendimento educacional especializado em sala de recursos multifuncionais, ou em Centros de Atendimentos Educacionais Especializados, públicos ou comunitários, confessionais ou filantrópicos sem fins lucrativos, conveniados com o poder público.

Vinte e seis estratégias foram elaboradas para o cumprimento desta meta. Entre elas, a estratégia de expandir a oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE para os alunos das escolas da rede municipal de ensino de forma a garantir no prazo de vigência deste Plano, a universalização do atendimento escolar à demanda dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento altas habilidades ou superdotação, ou seja, no prazo de 10 (dez) anos, garantir que todos os alunos com necessidades especiais do ensino regular tenham atendimento educacional especializado.

Tornar a escola acessível, inclusive adaptando os prédios escolares já existentes para atender às normas de acessibilidade constantes nos dispositivos legais e normas da ABNT, orientando, também é uma das estratégias para tornar as escolas inclusivas. Promover parcerias com instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com o poder público, visando ampliar as condições de apoio ao atendimento escolar integral desses alunos matriculados na rede municipal de ensino, a fim de proporcionar um atendimento integral, ensino regular/ ensino especializado.

Acerca dos profissionais de educação, promover um amplo processo de formação de gestores e educadores do município; além de realizar em até quatro anos de vigência deste plano, seletivo simplificado ou concurso público para suprir as necessidades de profissionais especializados para atenderem nos centros e núcleos de

Atendimento Educacional Especializado, nas salas de recursos multifuncionais na rede regular de ensino; e também, prover seletivo simplificado ou concurso público para profissionais da educação com proficiência em Libras e em Braille para atuação nas escolas e classes bilíngues da rede pública municipal em até seis anos vigência deste plano.

Apesar das metas e estratégias para o cumprimento do plano que deve garantir o atendimento dos alunos com deficiência no ensino regular, em vigor já a 2 (dois) anos, a Associação Pestalozzi de Codó, atualmente é o único centro encontrado para o atendimento especializado desses alunos em Codó, visto que as escolas regulares não estão capacitadas para recebê-los. Sendo este, como único centro de atendimento aos portadores de necessidades especiais, vem sendo fonte de diversas pesquisas no âmbito inclusivo, de forma a compreender e contribuir com o ensino educacional inclusivo na cidade de Codó, visto que a instituição Pestalozzi possibilita estudos em diversas esferas educacionais.

A exemplo, a pesquisa: “A inclusão digital na educação especial, um olhar sobre a utilização do software dosvox” de autoria de Cosmo da Silva Viana, apresenta apoios de ferramentas dentro da área de informática e das tecnologias de informação e comunicação, o uso do software DOSVOX para a Educação especial, direcionado ao deficiente visual, através de relatos e acompanhamento da utilização do software com alunos cegos da Associação Pestalozzi.

Mais precisamente, sobre a educação e alfabetização dos alunos da Pestalozzi, encontra-se a pesquisa: “Práticas de leituras na associação Pestalozzi Codó-MA: contribuição do projeto Alfabetização e letramento na Educação Especial”. De autoria de Maria da Conceição Queiroz Silva, cujo intuito da pesquisa é analisar a presença da leitura na escola Municipal Lalá Ramos do município de Codó-Maranhão, além de verificar quais projetos ocorrem na instituição com a finalidade de incentivar a leitura, entre os projetos encontrados: “Alfabetização e letramento na Educação Especial”, esteve presente na pesquisa citada, assim como também este, é o objeto de pesquisa do presente trabalho.

2.3 Plano Estadual de Educação

A lei nº 10.099, de 11 de junho de 2014, dispõe sobre o Plano Estadual de Educação do Maranhão – PEE/MA, constante no anexo desta lei. Em seu Art. 2º diz que “as ações estratégicas e as metas constantes no Anexo desta Lei referem-se às áreas de competência dos sistemas de ensino estadual e municipal”. E em parágrafo único: “As ações estratégicas e as metas a que se refere o caput deste artigo, concernentes às competências dos Municípios, nos termos do § 2º do art. 211 da Constituição Federal, têm caráter de recomendação e constituem diretrizes para a elaboração dos planos decenais de educação dos Municípios”. No Art. 3º desta lei, diz que: “A avaliação do PEE/MA será feita de dois em dois anos pelo Poder Executivo, em articulação com outros entes federados e com a sociedade civil”.

Com base no Plano Nacional de Educação, que “define como prioridade a garantia e a ampliação do acesso, a melhoria das condições de permanência e o aprimoramento da qualidade da educação básica ofertada a todos os brasileiros. Nesse sentido, as instituições responsáveis pela educação pública no Brasil têm o dever de assegurar as condições básicas para garantir o êxito dos resultados do processo educacional: a efetivação da aprendizagem escolar”. Deste modo, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação- LDB 9394/96, os artigos 9 e 10 “reiteram a colaboração entre as esferas governamentais na construção dos planos de educação e dos currículos da educação básica dos sistemas de ensino, com o intuito de assegurar a efetividade das políticas educacionais”.

Segundo o Plano Estadual de Educação, as metas e estratégias estabelecidas estão em concordância com o Plano Nacional de Educação (2010- 2020) visando à superação dos desafios educacionais da realidade maranhense.

No que se refere à Educação Especial, no Maranhão, o PEE diz que: “A Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva/2008 orienta os sistemas de ensino para promover respostas às necessidades educacionais especiais dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação garantindo: transversalidade da Educação Especial; atendimento educacional especializado; continuidade da escolarização; formação de professores e demais profissionais da educação para a inclusão escolar; acessibilidade; e articulação Inter setorial”.

Sobre o atendimento dos alunos portadores de necessidades especiais nas escolas especializadas, o PEE diz que “de acordo com as Diretrizes da Política os alunos inclusos devem ser atendidos nas salas de recursos multifuncionais, no contra turno, para que sejam desenvolvidas atividades diferenciadas daquelas realizadas na sala de aula comum, estas atividades não são substitutivas à escolarização. Esse atendimento completa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela”.

Para implementar a proposta de educação inclusiva, o PEE diz que “requer a adoção de algumas medidas urgentes, como: mudanças nos processos de gestão; na formação de professores; nos procedimentos metodológicos, oportunizando assim, práticas que respondam às necessidades dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação”.

De acordo com PEE, no Maranhão, 24,97% da população de 1.641.404 são portadoras de necessidades especiais, deste modo, “para haver a inclusão educacional desta parcela da população maranhense, de fato, o ambiente escolar deve ser modificado, as barreiras arquitetônicas e atitudinais precisam ser eliminadas”.

O PEE traz na pag.11 uma tabela que demonstra o quantitativo de alunos, por nível e modalidade de ensino, atendidos na rede estadual na inclusão e nas classes exclusivas de acordo com censo escolar de 2012.

TABELA: 1- ALUNOS INCLUSOS E EM CLASSES ESPECIAIS - 2012

ALUNOS INCLUSOS		CLASSES EXCLUSIVAS/ESPECIAIS
Educação infantil	01	20
Ensino Fundamental	1207	628
Ensino Médio	1320	00
EJA	333	168
Ensino Profissionalizante	00	00
Total	2861	817

Fonte: INEP/MEC

Os índices da educação especial no Maranhão apontam para a redução gradativa das classes especiais ou exclusivas e o crescimento, em todos os níveis e modalidades, da inclusão nas classes comuns do ensino regular dos alunos público-alvo da educação especial. Os índices crescentes do processo de inclusão implicam na definição de políticas públicas planejadas e implementadas que objetivem o acesso, a

permanência e qualidade do ensino oferecido aos alunos inclusos. Visto que, “a concepção que orienta os princípios da inclusão é de que a escola é um dos espaços de ação e de transformação que conjuga a ideia de políticas educacionais e políticas sociais amplas que garantam o direito de todos à inclusão educacional e social”.

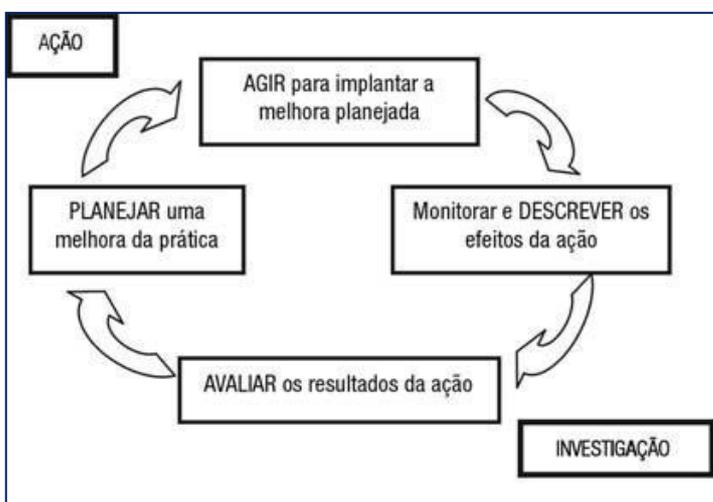
3. METODOLOGIA DE PESQUISA: pesquisa- ação

A prática adotada para o desenvolvimento da presente pesquisa foi a pesquisa-ação, de acordo com a obra: Pesquisa-ação: uma introdução metodológica, Tripp diz que:

É difícil de definir a pesquisa-ação por duas razões interligadas: primeiro, é um processo tão natural que se apresenta, sob muitos aspectos, diferentes; e segundo, ela se desenvolve de maneira diferente para diferentes aplicações. (TRIPP, 2005, p.445).

Porém, segundo o autor, é importante que se reconheça a pesquisa- ação como um dos inúmeros tipos de investigação- ação, esta que “é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigara respeito dela” (TRIPP, 2005, p. 445). Ou seja, consiste em investigar ao mesmo tempo em que o pesquisador age no campo da pesquisa. O que proporciona “uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação” (TRIPP, 2005, p. 446). Tal processo está evidenciado no diagrama abaixo, este, sendo o ciclo de procedimentos metodológicos necessários para a elaboração de uma investiga- ação.

Figura 2. Metodologias de investiga- ação.



Fonte: TRIPP, 2005.

O ciclo de pesquisa-ação, segundo o autor, inclui todas as atividades do ciclo básico de investiga-ação e é representado do mesmo modo. A pesquisa-ação tem sido desenvolvida em diferentes áreas, principalmente na área educacional. Na obra: Pesquisa-ação Educacional: preocupação temática, análise e interpretação crítico reflexivo, a autora Mallmann evidencia que:

No cenário internacional, a pesquisa-ação, no campo educacional, abrange o movimento para inovações curriculares, o investimento no desenvolvimento profissional, a formação dos professores e mudanças na prática docente (MALLMANN, 2015, p. 79).

Para desenvolver uma pesquisa-ação, é necessário construir sistemáticas metodológicas para organizar o movimento interpretativo-qualitativo, típico da pesquisa-ação “bem como a organização e análise de dados pautada por rigorosos procedimentos teórico-metodológicos” (MALLMANN, 2015, p. 82).

Por tanto, a partir dos procedimentos necessários para a elaboração de uma pesquisa-ação, o instrumento utilizado para obtenção de dados a serem utilizados no presente trabalho será a entrevista narrativa, esta que na obra: Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático, dos autores Martin W. Bauer e George Gaskell (2008), o entrevistado é chamado de “informante”. Ainda segundo os autores, a técnica recebe o seu nome da palavra latina *narrare*, relatar, contar uma história, que consiste em três principais características: textura detalhada, o narrador tende a fornecer detalhes dos acontecimentos necessários para a obtenção de uma transcrição plausível; fixação da relevância, narrando aspectos do acontecimento que são relevantes; e fechamento da Gestalt, o acontecimento mencionado tem que ser narrado em sua totalidade, com começo meio e fim.

Nesta obra, os autores ainda detalham como deve ser o procedimento para uma entrevista narrativa:

Quando a narração começa, não deve ser interrompida até que haja uma clara indicação (“coda”), significando que o entrevistado se detém e dá sinais de que a história terminou. Durante a narração o entrevistador se abstém de qualquer comentário, a não ser sinais não verbais de escuta atenta e encorajamento explícito para continuar a narração (BAUER; GASKELL, 2008, p. 99).

Após a coleta de dados a partir da narração do episódio específico, é necessária a transcrição da entrevista, onde “o nível de detalhe da transcrição depende

da finalidade do estudo” (BAUER; GASKELL, 2008, p. 106). E o último passo para a análise das narrativas e a divisão do texto em material indexado, referência concreta; e não indexado, expressam valores, juízos e toda forma de uma generalizada “sabedoria de vida” (BAUER; GASKELL, 2008).

As coletas e análises de dados foram adquiridas por meio da pesquisa-ação executada na escola Lalá Ramos da Associação Pestalozzi de Codó através do projeto Alfabetização e Letramento na Educação Especial, ao qual, este é um projeto de contação de histórias realizado com a finalidade de incentivar os alunos da escola ao hábito da leitura através das contações de história.

3.1 Contação de história como prática pedagógica

Os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN (1997) estabelecem que as escolas devam ter o compromisso em formar cidadãos críticos, participativos, criativos, para enfrentar e lidar com a sociedade contemporânea, recomendam também que os professores tenham estratégias metodológicas além dos conteúdos e materiais didáticos ofertados pela escola a fim de facilitar e dinamizar a aprendizagem dos alunos.

Diante das demandas específicas dos alunos com deficiência é indispensável a utilização de metodologias que facilitem a compreensão e o aprendizado, e que proporcionem atividades que incluam todas as crianças em sala de aula. Sendo assim, pode-se ver que:

A escola deve disponibilizar recurso e tecnologia assistiva, a fim de promover condições de acessibilidade, segurando, assim, plena participação e possibilidade de aprendizagem às crianças com deficiência em igualdade de oportunidade com as demais crianças (BRASIL. Ministério da educação, 2012, p. 08).

A criança tem o direito de estar regularmente matriculada em uma escola de ensino regular, para isso, cabe à escola buscar alternativas pedagógicas que:

[...] incluam as crianças com deficiência e promova o seu desenvolvimento, dando-lhes oportunidades de aprendizagem por meio de recursos e serviços que ajudem a eliminar barreiras à aprendizagem, como por exemplo, a comunicacional e a pedagógica (BRASIL. Ministério da educação, 2012, p.34).

Pensando no tocante aos recursos e serviços, entendendo-os a partir de seus pressupostos de Ensino- Aprendizagem, as histórias podem auxiliar no desenvolvimento intelectual e cognitivo e emocional da criança, sob esta última, na obra Contos de Fadas: recursos educativos para crianças com deficiência intelectual, as autoras, Capellini, Machado e Sade elucidam que:

[...] para que o processo educativo ocorra no intuito de auxiliar as crianças a desenvolverem-se com equilíbrio emocional, encontra-se, dentre outros fatores, que os contos de fadas indicam um caminho mágico pelo qual a criança pensa e experimenta o mundo; por essa razão, os contos de fadas são tão convincentes para ela já que ela pode obter um consolo muito maior de um conto de fadas do que de um esforço para consolá-la baseado em raciocínio e ponto de vista adulto (CAPELLINI; MACHADO; SADE, 2012, p.162).

A contação de histórias torna-se, em qualquer esfera educacional, um apoio no processo de ensino- aprendizagem, visto que, o ato de contar história estimula a imaginação favorecendo a compreensão e a relação professor e aluno. No estudo: Arte de Contar Histórias: perspectivas teóricas e práticas, Lippi e Fink (2012, p. 28), afirmam que “o contador de histórias deve interagir com o público ouvinte estimulando-os a criticar e pensar através de questionamentos e reflexões sobre a história contada”. Nesse sentido, na obra: Contação de história: resgate da memória e estímulo da imaginação, Torres e Tettamanzy destacam que:

O principal objetivo de contar uma história é divertir, estimulando a imaginação, mas uma história bem contada pode aumentar o interesse pela aula ou permitir a auto identificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos. Agrada a todos sem fazer distinção de idade, classe social ou modo de vida (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p. 01).

Nessa perspectiva, na obra Contos de Fadas: recursos educativos para crianças com deficiência intelectual, Capellini, Machado e Sade afirmam que:

Como seu pensamento ainda está em desenvolvimento, apresentando-se de maneira desordenada, o conjunto de impressões mal ordenadas não se conecta e, portanto, formam-se lacunas que são preenchidas por fantasias alimentadas pela imaginação. (CAPELLINI; MACHADO; SADE, 2012, p. 163).

Portanto, as histórias podem proporcionar às crianças uma melhor compreensão de assuntos relacionados ao contexto escolar, social e familiar, uma vez que:

É ouvindo histórias que se pode sentir importantes emoções, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, a insegurança, vivendo profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve, com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas pode despertar nos pequenos ouvintes, além de ser um recurso valioso e agradável para a predisposição à aprendizagem e para sua complementação (ALVES, 2011, p. 12).

Considerando as dificuldades no campo da leitura, reafirmando a importância desta, o pressuposto freiriano diz que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1989, p. 9). Com a contação de história, as crianças podem adquirir o interesse pela leitura, além desta também auxiliar nas experiências vivenciadas, proporcionar a compreensão de situações decorrentes do seu dia a dia, assim, essas metodologias são capazes de auxiliar o aprendizado cognitivo e emocional da criança com deficiência.

Nesse sentido, Torres e Tettamanzy (2008), asseveram que, dentro da perspectiva inclusiva, as histórias podem ser utilizadas para facilitar a compreensão dos conteúdos assim como uma compreensão de mundo, pois “a contação de histórias faz refletir sobre qualidades esquecidas” (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p. 2). Concatenando com o pensamento das autoras, Lippi e Fink (2012, p. 22), também afirmam que “a história, dentro de seu mundo imaginário, trata de relações e situações reais, que a criança não pode entender sozinha” Também nessa perspectiva, na obra: A Contação de Histórias na Educação Infantil como Processo de Formação de Leitores, Alves diz que:

Levar o faz de conta até as crianças é sustentar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a muitas perguntas, é encontrar idéias para solucionar questões, é uma possibilidade de descobrir o mundo intenso de conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos através dos problemas que de acordo com as possibilidades vão sendo enfrentados e resolvidos pelos personagens de cada história (ALVES, 2011, p.12).

Para Torres e Tettamanzy (2008, p. 4) “os contos possibilitam enxergar as diferenças culturais e constatar que a diversidade é saudável”. As histórias contadas

podem apresentar-se como um mecanismo de compreensão da diversidade, portanto, podem auxiliar na compreensão da realidade destes alunos, reduzindo o preconceito e proporcionando maior qualidade de ensino. A contação “[...] oferece ao leitor, além do caráter estético, o caráter pedagógico, possibilitando a ele, o desdobramento de suas capacidades intelectuais, sem que para isso precise montar e desmontar palavras e decodificar símbolos” (LIPPI; FINK, 2012, p. 22).

É importante durante a narração ou dramatização da história poder transmitir verdade e intensidade, nos contos de fadas, por exemplo, apresentam características precisas e divergentes, ou seja:

[...] as pessoas são boas ou são más, de maneira simples e isso permite que as crianças compreendam melhor a essência da história, uma vez que cada personagem apresenta comportamentos esperados e lógicos (CAPELLINI; MACHADO; SADE, 2012, p.162).

Além disso, para que realmente a contação de história possa contribuir e atingir os ouvintes de forma positiva é necessário a preparação correta da história de forma que enriqueça ainda mais o momento da contação. Assim, Lippi e Fink dizem que:

[...] o contador de histórias deve preparar o enredo que irá contar, ensaiá-lo, gostar da história que vai contar, cuidar a tonalidade da voz, ser expressivo, elencar quais recursos poderá utilizar, preparar o espaço ideal para que essa contação ocorra com sucesso e de maneira correta (LIPPI; FINK, 2012, p. 28).

Desta forma, de acordo com Torres e Tettamanzy (2008, p. 5) “contar histórias é arte performática, em que se tenta retransmitir os contos pelos meios nos quais surgiram, ou seja, através de voz, corpo e gesto”. Essas perspectivas dentro da metodologia atraem a atenção dos ouvintes no momento da contação, além de o contador também poder fazer uso de “[...] diversos recursos nesta realização, como por exemplo, a televisão pedagógica, os fantoches, roupas coloridas, bonés bordados com lantejoulas, dentre outros recursos” (LIPPI; FINK, 2012, p. 23).

É importante destacar que a história tem um papel importante na aprendizagem e comportamento da criança. “Essas são ferramentas que constituem parte da cultura social que, aos poucos, são interiorizadas pelas crianças” (CAPELLINI; MACHADO; SADE, 2012, p. 170), ou seja, as histórias infantis são transmissoras de

cultura, onde as crianças aprendem e interiorizam o “certo e o errado” transmitido através dos contos de fadas. Corroborando com o pensamento das autoras, na obra: *A Contação de Histórias na Educação Infantil como Processo de Formação de Leitores*, Alves (2011, p. 14), destaca que “os contos de fadas são considerados um instrumento pedagógico prazeroso e de grande auxílio no processo de construção da aprendizagem da criança”. Portanto, as metodologias apoiadas nas contações de histórias revelam-se eficazes ao tratar-se de incentivar a leitura, quanto no desenvolvimento cognitivo da criança com deficiência ou não.

Quando uma criança participa de uma história infantil, seja como ouvinte, seja em outro papel, está em pleno desenvolvimento de suas funções afetivas, cognitivas, emocionais, ou seja, está se preparando para crescer e tornar-se adulta (CAPELLINI; MACHADO; SADE, 2012, p. 171).

Deste modo, “[...] os contos de fada são considerados um instrumento pedagógico prazeroso e de grande auxílio no processo de construção da aprendizagem da criança” (ALVES, 2011, p. 14). Além dessas atividades estimularem o seu desenvolvimento, ajudam na construção de sua identidade, ao conhecer outros pensamentos, pessoas, situações, capazes, assim, de associar ao seu próprio contexto e realidade, pois “os contos de fadas oferecem à criança o que ela mais necessita e partem, exatamente, do ponto emocional em que ela se encontra mostrando-lhe para onde ir e como ir” (CAPELLINI; MACHADO; SADE, 2012, p. 171).

3.2 Projeto Alfabetização e Letramento na Educação Especial

O projeto “Alfabetização e Letramento na Educação Especial” sob coordenação da prof^a. Dr^a. Cristiane Dias da Universidade Federal do Maranhão-Campus de Codó, inicialmente o projeto tinha como objetivo alfabetizar e letrar as crianças da escola Lalá Ramos, porém observou-se que para tal objetivo seria necessário metodologias próprias, uma vez que os alunos possuem necessidades específicas, ficando inviável a alfabetização apenas através das contações de histórias. No entanto, o projeto também tem como objetivo de incentivar a leitura através da contação de histórias, também proporcionar aos participantes a busca por estratégias metodológicas com crianças que possuem necessidades educacionais específicas. O projeto iniciou a realização de suas atividades na Associação Pestalozzi em 2011, para a execução das

atividades são necessários encontros semanais para a elaboração e preparação das histórias, confecção dos materiais a serem utilizados para a caracterização dos personagens e escolhas das músicas. Durante a contação utiliza-se microfone, caixa de som, celular, computador. Atualmente, o projeto possui dois bolsistas e dois voluntários. A contação é realizada todas as sextas-feiras, a partir das 07h30min da manhã.

3.3 Relato de experiências

Atuei no projeto, inicialmente, como voluntária em junho de 2014, e em outras ocasiões, ou sempre que me convidavam a participar. Durante esse período acompanhei as buscas das bolsistas por estratégias de contações, uma vez que havia muitas dificuldades por se tratar de pessoas com idades e deficiências diversas, assim, sempre foi necessário buscar alternativas para executar as contações de forma que seja compreendida por todos independentes de suas dificuldades ou deficiências. O projeto sempre teve como característica principal a dramatização, a caracterização dos personagens, para facilitar a compreensão dos alunos. Por constatar que histórias somente narradas não prenderiam sua atenção pelo fato da grande maioria, apresentar um comportamento hiperativo e exaustivo rapidamente. O teatro e a caracterização proporcionaram um encantamento, ao perceberem que os personagens das histórias estavam presente, palpável e não somente nas narrações.

Como bolsista do projeto coube a mim muito mais que participar das histórias como algum personagem, me tornei uma das responsáveis pelas criações e buscar novas estratégias de contação. Seguimos sempre com a ideia da dramatização, porém sentíamos a necessidade da participação dos alunos durante a contação, portanto, resolvemos durante a história, que eles também as contassem conosco, como por exemplo, o nome de alguns personagens dados por eles e chamá-los para participar durante a história, pois todos eram bastante participativos e se envolviam muito durante as histórias. Optamos também por utilizar músicas, fossem elas para servirem como histórias, ou simplesmente, uma música para determinado personagem ou algum efeito sonoro durante a contação, este sendo também um dos momentos em que mais participavam, dançando ou cantando. Antes, era elaborada uma história por semana,

decidimos criar uma história por mês sempre se desenvolvendo e surpreendendo a cada novo encontro, ao qual cabia a eles lembrar o que havia acontecido com os personagens na semana anterior, proporcionando-os exercitar a memória ao mesmo tempo em que interagiam com a história e os personagens.

Uma das primeiras histórias a ser apresentada foi: “O mundo encantado da Pestalozzi”, resumidamente, nesta história havia diversos personagens que possuíam algo em comum, todos haviam esquecido seu nome e o que estavam fazendo naquele local, sendo assim, os alunos davam nomes aos personagens e ajudavam no desfecho da história a cada semana. Sempre narrada pelo mago, a primeira personagem a aparecer na história foi a aranha. Os alunos passaram a chamá-la de Matilde, utilizamos a música infantil “dona aranha” para contar a história dessa personagem que subia pela parede, com chuva ou sol, ela continuava a subir à procura de algo que, segundo os alunos, era muito importante. Durante a história surgiram outros personagens como o palhaço triste, a flor murcha e a fada que os alunos a chamava de Lurdes, estes também não sabiam o que havia acontecido naquele mundo encantado, somente com a chegada da bruxa Alenilda, todos começaram a entender o que acontecia naquele reino.

Durante toda a história utilizamos efeitos sonoros para enriquecer os personagens, um desses sons era a risada “pavorosa” da bruxa e a luta entre ela e o mago. Enfim, a história “O Mundo Encantado da Pestalozzi” durou algumas semanas, uma vez que a história era contada somente uma vez, na sexta-feira. Sempre ao retornarmos, fazíamos o exercício de lembrar o que havia acontecido na semana anterior.

Observamos que a utilização das músicas infantis e efeitos sonoros era algo que agradava e auxiliava na compreensão das histórias, decidindo assim por sempre utilizarmos esse recurso durante as contações. Mais um desses momentos foi o especial do dia das crianças onde utilizamos como base um musical “O fantasma da Máscara”, adaptando os personagens, onde tudo ocorria em um circo, com magia e palhaços, onde também um dos objetivos era divertir todas as crianças. O musical é composto por três músicas onde os personagens dublavam e seguiam as situações.

Com isso, o projeto também buscou sempre participar dos momentos comemorativos da instituição como: festa das mães, das crianças, festa junina, e uma das mais especiais, o final do ano, sempre organizando uma grande apresentação com

uma história e sempre com novos convidados voluntários para o especial. Ocorre também, a entrega de presentes, doados através da adoção de uma cartinha, desta feita, pelos próprios alunos com a ajuda dos bolsistas e professores da instituição, na qual pedem presentes ao “Papai Noel”. Estas cartas eram colocadas no hall de entrada da Universidade Federal do Maranhão, onde os alunos podiam abrir, ler e adotar a cartinha que desejasse. No ano de 2016, proporcionamos um especial de final de ano, além da história ocorreu também a distribuição de presentes. Foram doados mais de 70 presentes e distribuídos a todos os alunos da Associação Pestalozzi. Após a história, foram chamados todos os alunos pelo nome e entregue o presente correspondente ao pedido feito em sua cartinha.

Apesar de optarmos por trabalhar músicas nas histórias, trabalhávamos também histórias que incentivavam e apontavam exclusivamente para a leitura, como na história “Muitas Letras”, que incentiva a leitura através da formação de palavras, onde se inicia com um menino chamado Pedrinho, que passava pela Pestalozzi enquanto lia o seu livro e se divertia com as histórias, porém o menino tropeça e cai fazendo com que todas as letras se espalhem e percam-se pelo chão. O objetivo da história era fazer com que as crianças encontrassem as letras e formassem palavras com as mesmas, descobrindo seus significados através de ações executadas por Pedrinho e por eles próprios e, por fim, colocando-as novamente no livro do menino. Algumas das palavras trabalhadas foram: amor, amizade, mágica, olho, entre outras.

Despertar na criança o interesse pelas histórias de forma participativa, ao fazer com que a criança interaja do momento da contação tendo propriedades de criar personagens, mudar o contexto da história, interagir com os personagens, estimula a sua aprendizagem de forma espontânea. Nesse sentido, as metodologias utilizadas nas contações de histórias contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento cognitivo, participativo das crianças com deficiência. Além de proporcionar ao contador de história, enquanto futuro docente, o processo de inclusão, e trabalhar metodologias de ensino e proporcionar aprendizado independente de suas limitações.

➤ Neilma Cruz Cantanhede, aluna da Universidade Federal do Maranhão, do Curso de Pedagogia, turma 2015.2, diz em seu relato de experiência que participou como voluntária do projeto Alfabetização e Letramento na Educação Especial, durante algumas contações em que foi convidada pelo então bolsista do projeto Leandro Pereira,

na busca por aprendizagem, especialmente por este projeto apresentar características fundamentais para o estudante de pedagogia. Neilma diz como foi gratificante sua participação no projeto, e o quanto é importante, uma vez que o mesmo presta atendimento às crianças de forma a desenvolver a criatividade.

Durante suas participações, Neilma ressalta que os bolsistas do projeto eram os responsáveis pela criação das histórias, além do figurino dos personagens, que logo após a definição ocorria a distribuição dos personagens conforme a quantidade de pessoas (bolsistas e voluntários). As apresentações ocorriam no pátio da Pestalozzi, onde todas as crianças eram reunidas para o momento da contação. A voluntária cita principalmente, a reação das crianças durante esse momento, percebia a alegria e entusiasmo ao longo da história.

Neilma relembra algumas de suas participações, como na história "No Fundo do Mar" onde este sendo, a Pestalozzi, havia um tesouro perdido, sua personagem era uma bruxa do fundo do mar que era uma das surpresas encontradas pelo pirata em busca do tesouro perdido, cujo principal poder era transformar em pedra a todos que a olhar.

Sua outra participação foi no especial do dia das crianças, neste dia foi apresentado um musical "O fantasma da Máscara" além de divertidos palhaços e um mágico, sua personagem era uma palhaçinha assistente do mágico durante o espetáculo.

Para finalizar, Neilma evidencia que a proposta do projeto em envolver as crianças no mundo das histórias de modo que as preparem e incentivem a leitura e a percepção de mundo, além de proporcionar cultura teatral, absorvendo conhecimento, facilitando a compreensão ao ter na contação metodologias que propõem raciocínio e interpretação. A voluntária ressalta ainda que, o projeto tem grande importância também na sociedade, pois a questão da educação inclusiva, ainda não está efetivamente nas escolas que, de fato, deveria ser totalmente inclusiva, mas que através de projetos de leitura tem a intenção de incluir a todas as crianças, proporcionando momentos de interação e aprendizado mútuo.

➤ O bolsista do projeto Alfabetização e Letramento na Educação Especial, Leandro Vitório Santos Pereira, aluno do curso de Ciências Naturais/ Biologia, turma 2013.2, da Universidade Federal do Maranhão, relata sua participação no projeto. Ele

iniciou no projeto em janeiro de 2016. Inicialmente relembra que conheceu o projeto através da coordenadora Cristiane Dias, que o convidou para participar de atividades teatrais em outras escolas do município, ao desenvolver um bom trabalho nestas escolas, a coordenadora lhe apresentou o projeto “Alfabetização e Letramento na Educação Especial”, iniciando como voluntário durante aproximadamente três meses para auxiliar os bolsistas do projeto, na época. Logo após a experiência de voluntariado, iniciou como bolsista em janeiro de 2016.

Leandro ressalta o objetivo proposto pelo projeto que consistia, teoricamente, em alfabetizar e letrar através da contação de histórias, além de objetivos específicos como, trabalhar a socialização dos indivíduos em questão, proporcionar a interação com os demais alunos e sociedade em geral. Metodologicamente, o bolsista relata que conheceu pouco da metodologia adotada pelas bolsistas anteriores, decidindo adotar em concordâncias com os demais, a contação de história, porém não optando por histórias literárias como: Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve pois, segundo ele, são histórias que as crianças já conhecem, tornando-se uma reprodução dos clássicos, histórias essas que todos já saberiam o final, e não teriam desenvolvimento sobre cada uma. Decidindo então, a contação de história de forma que os alunos participassem de sua construção. Uma metodologia em que privilegiava os alunos em contar história junto com os personagens, participar e direcionar, dando-lhes “o poder” de descobrir e fazer com que a história ocorresse basicamente do modo que gostariam. As histórias eram apresentadas uma vez por semana de forma interativa, onde as crianças sempre de forma participativa durante a apresentação da história.

Leandro relembra histórias que participou durante esses momentos, entre uma delas foi “A festa do Casamento na Lua”, contando com a participação de voluntários. Essa história proporcionou levar a todos para outro ambiente. Estavam na Pestalozzi, porém na imaginação todos estavam na Lua, fazendo com que os alunos saíssem do ambiente escolar e fosse para outro espaço imaginário.

Outra história citada pelo bolsista foi “O mundo Mágico da Pestalozzi”, na qual seu personagem era o mago. Esta, sendo a primeira história, todas as crianças gostaram, tanto que foi a história mais longa, pois era uma história construída durante os encontros com as crianças durando, em média, um mês a um mês e meio.

O “Dadá” foi um dos personagens de grande sucesso, Leandro o relembra por ser um personagem que não falava, por essa questão, inicialmente pensou que as crianças não participariam de uma história em que o personagem não interagia verbalmente com eles, porém, ocorreu o contrário, gostaram do personagem justamente por essa característica.

Para finalizar o relato, Leandro evidencia os resultados ao longo de sua participação no projeto, sendo esses positivos, tanto para os alunos quanto para ele próprio, considerando uma ótima experiência, uma vez que, segundo o bolsista, houve um grande impacto no primeiro contato com as crianças, deparando-se com uma realidade diferente da que vivenciava o contato com crianças com deficiências intelectual, física. Surgindo as perguntas: O que fazer? Como agir? Quais metodologias adotar? Questões essas que o evoluíram como pessoa, tanto que isso hoje faz parte de sua pesquisa de TCC, direcionada às dificuldades de aprendizagem. Além de proporcionar a curiosidade por áreas que envolvem a inclusão, ao cursar LIBRAS, além de cursos voltados às metodologias de ensino, pelo fato de ter alargado sua visão sobre a inclusão com a participação no projeto.

No que se refere aos resultados do projeto no ensino e aprendizagem das crianças, Leandro enfatiza a socialização. Além das histórias em que as crianças montavam palavras com letras soltas, percebendo que nas contações de histórias, certamente não aprenderam a ler pela dificuldade que elas apresentam, mas apreenderam a identificar, desenvolver habilidades, tornaram-se sociáveis, conseguindo interagir com os contadores e com os colegas em geral. Certamente, segundo o participante 100% dos resultados propostos no que se refere à alfabetização não foi possível, mas a socialização e participação através das contações de histórias foram alcançados, tanto que o projeto já está em andamento na instituição há mais de cinco anos, significando que o projeto, de certa forma, está alcançando o resultado esperado.

4. RESULTADOS: relacionando experiências

Podemos observar ao longo da discussão teórica, a importância da leitura como metodologia de ensino- aprendizagem dos alunos de forma geral, e especialmente de alunos com deficiência, neste caso, percebe-se a leitura ainda mais fundamental para o aprendizado, mesmo que “o primeiro contato com as obras literárias não exige o domínio do código escrito, pois a criança pode interagir com a história e interpretá-la mesmo através das suas ilustrações” (LIPPI; FINK, 2012, p. 22). Aplicando-se as essas crianças, que em sua maioria, não dominam a leitura.

A Pestalozzi de Codó, por ser uma escola que atende crianças com deficiência diversas, é necessário buscar alternativas que facilitem a aprendizagem de modo que inclua a todas as crianças, pois “espera-se que no sentido educacional, seja em escola especial, seja em escola comum, ela garanta de fato o desenvolvimento de cada indivíduo para que esse possa ter sua inclusão social” (CAPELLINI; MACHADO; SADE, 2012, p. 161). Portanto, uma das alternativas que vinculam universidade/ escola/ comunidade, o projeto Alfabetização e Letramento na Educação Especial, que oferece a proposta de incentivar a leitura através de momentos de contação.

Para o atendimento de crianças com deficiência intelectual as autoras, Capellini, Machado e Sade, na obra Contos de Fadas: recursos educativos para crianças com deficiência intelectual, afirmam que:

[...] é preciso dar suporte afetivo, condições de desenvolvimento emocional, lúdico e motor, facilidades de exploração do meio social e físico, relação e interação consistentes entre o adulto e a criança para a aquisição de meios de socialização e para o desenvolvimento da linguagem. (CAPELLINI; MACHADO; SADE, 2012, p. 167).

E isto é o que evidencia o participante Leandro ao dizer que o projeto tem como finalidade além do incentivo à leitura, a socialização das crianças no convívio escolar desenvolver habilidades, conseguindo interagir com os contadores e com os colegas em geral. Uma vez que as músicas e efeitos sonoros são aplicados como metodologias para desenvolver os momentos de contações facilitando a compreensão e interagindo com todas as crianças.

No que se refere ao aprendizado através das contações de história, de acordo com Alves (2011, p. 2) “o professor pode alcançar muitos objetivos por meio dela, pois ler histórias para criança é uma atividade prazerosa, com a qual poderá fazê-la expressar suas próprias percepções de mundo”. Observando sobre isso, o relato de Neilma que diz que a proposta do projeto é envolver as crianças no mundo das histórias de modo que as preparem e incentivem a leitura e a percepção de mundo.

Retomando o pensamento de Torres e Tettamanzy ao evidenciar que a contação de história proporciona a compreensão de situações desagradáveis e ajuda a resolver conflitos, percebe-se isso no relato de Neilma, ao evidenciar que o projeto Alfabetização e Letramento na Educação especial proporciona, além do incentivo à leitura, a absorção de conhecimento e ajudando na compreensão de mundo, através de metodologias que proporcionam raciocínio e interpretação.

Com base nos autores, é necessário preparar o enredo que irá contar, ensaiá-lo, gostar da história que vai contar, ser expressivo, elencar quais recursos poderá utilizar, preparar o espaço ideal para que essa contação ocorra com sucesso e de maneira correta. A metodologia aplicada pelo projeto é fundamental para o sucesso no momento da contação. Sobre isso Neilma também relata que os participantes do projeto eram os responsáveis pela criação das histórias, além do figurino dos personagens, que logo após a definição ocorria a distribuição dos personagens conforme a quantidade de pessoas (bolsistas e voluntários) as apresentações ocorriam no pátio da Pestalozzi, onde todas as crianças eram reunidas para o momento da contação.

Um fato importante que metodologicamente auxilia na compreensão dos alunos independente de suas limitações, é a dramatização da história contada, o figurino, a expressividade, colaborando para uma apresentação com qualidade afim de uma maior compreensão dos alunos:

[...] pois transforma o momento lúdico da leitura em uma mistura de aprendizagem e satisfação pela história contada, fazendo deste, um espaço para a apreciação da palavra bem articulada, do vocabulário novo e ainda, um momento de descoberta e realização para a criança. (LIPPI; FINK, 2012, p. 30).

Sobre o reflexo das contações de histórias para crianças com deficiência intelectual, na obra “Contos de Fadas: recursos educativos para crianças com deficiência intelectual”, as autoras, Capellini, Machado e Sade afirmam que:

Nos contos de fadas, a narrativa é uma ficção em que são empregados fantasia, dons sobrenaturais, personagens (magos, bruxas, ogros, príncipes, princesas, reis, pessoas comuns) e objetos mágicos que fazem parte das tramas. O maniqueísmo é uma característica fundamental e constante nos contos de fadas: as pessoas são boas ou são más, de maneira simples e isso permite que as crianças compreendam melhor a essência da história, uma vez que cada personagem apresenta comportamentos esperados e lógicos. (CAPELLINI; MACHADO; SADE, 2012, p. 162).

Sobre isso, a instituição Pestalozzi atende crianças com deficiência intelectual, metodologicamente o projeto estrutura-se a partir de histórias baseadas em fantasias, percebe-se, por exemplo, a partir da narrativa da história “O Mundo Mágico da Pestalozzi” em que os personagens tais como mago, fada, arranha, estes, possuem dons especiais, apresentando comportamento já esperado por eles.

As atitudes de “bem ou mal”, “certo ou errado” além de facilitarem a compreensão em relação à história, buscam também direcionar a formação do caráter da criança, pois, “por intermédio da repetição compulsiva de contos, em que toda a simbologia da mente humana está presente, a criança capta todos os significados que esta ou aquela história lhe possa oferecer”. (CAPELLINI; MACHADO; SADE, 2012, p. 162). O participante do projeto Alfabetização e Letramento na Educação Especial ressalta isto como ponto importante na metodologia aplicada nos momentos de contação, principalmente, quando a criança participa da contação, pois privilegia os alunos, dando-lhes a oportunidade de direcionar a história e os personagens da maneira como gostariam, dando-lhes autonomia e propriedade na decisão e construção dos personagens.

Nessa perspectiva, o momento da contação passa a ser mais proveitoso para ambos, o contador que estimula uma inteiração; e ouvinte que pode adquirir uma maior autonomia. Por tanto, “o contador de histórias deve deixar que as crianças imaginem a história partindo do seu mundo de fantasias e encantamentos, fazendo com que ela interaja mais de perto com o enredo e se interesse mais por ele”. (LIPPI; FINK, 2012, p.23)

Contar histórias, reportar ao “faz de conta”, sustenta o imaginário, desperta a curiosidade e possibilita descobrir mundos diferentes. Para crianças com deficiência, isto significa penetrar num mundo mágico e fascinante, despertando-lhes a curiosidade, aguçando-lhes a atenção, fazendo com que de certa forma, possam ir superando suas limitações através de um exercício que mexe com o corpo, a imaginação e os sentidos, o que vem de encontro ao objetivo do projeto Alfabetização e Letramento na Educação Especial.

A leitura deve deixar de ser algo mecânico, e se tornar algo prazeroso. De acordo com Machado (2002):

Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não um dever. É alimento do espírito, igualzinho a comida. Todo mundo precisa, todo mundo deve ter a sua disposição, em quantidade que sacie sua fome. Mas é um abuso impingir um prato cheio goela a baixo de qualquer forma. Mesmo que se ache que o que enche aquele prato é a iguaria mais deliciosa do mundo (MACHADO, 2002, P.15).

Foi dessa maneira que nós, voluntários desse projeto o desenvolvemos junto aos alunos da Escola Lalá Ramos. Buscando metodologias adequando-as às suas limitações, contando, dramatizando, envolvendo-os na contação de histórias não apenas como ouvintes, mas como participantes, transformando-os em personagens, deixando-os criar e recriar as histórias a seu modo e como gostariam que se desenvolvessem e chegassem ao final, às vezes diferente do original, mas de acordo com suas expectativas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, pode-se concluir que o Projeto Alfabetização e Letramento na Educação Especial desenvolvido na Escola Lalá Ramos da Associação Pestalozzi de Codó, com alunos da UFMA- Campus de Codó, proporcionou momentos significativos de aprendizagem e socialização aos alunos desta instituição de ensino.

Respeitando suas Limitações, buscou-se metodologias diversas e diferenciadas para que o momento da contação de história não se tornasse um mero ato de leitura, com nenhuma significação, transformando-o num momento de interação, aprendizagem e prazer.

Observou-se que os alunos criam e recriam, transformando as histórias que ouviam em um momento vivo, de ação, de transformação, participando da preparação das encenações, criando um mundo mágico, onde eles se sentiam importante ao assumirem a identidade dos personagens dando a eles vida e uma conotação pessoal de como deveriam ser, de agir e fazer.

Ao analisar os relatos dos envolvidos no projeto, percebe-se que o mesmo tornou-se uma experiência enriquecedora para a sua vida pessoal e para a sua prática profissional futura, transformaram o ato de ler em um ato vivo, com momentos, gestos, sentimentos, proporcionando aos alunos da Escola Lalá Ramos, desenvolver habilidades, vencer limitações, sentir, pensar, projetar, agir e reagir em momentos de prazer em que fantasia se torna realidade e a realidade se torna fantasia.

Por tanto, percebe-se que ao contar uma história ambos saem ganhando, tanto o ouvinte que é instigado a imaginar, a interagir, sentir, se apropriar quanto o contador que cria um ambiente literário através da reprodução de gesto, fantasia, tonalidade, expressão corporal e sentimentos.

Percebe-se que a fantasia e imaginação proporcionadas através das histórias tem importância fundamental no desenvolvimento da criança. Observou-se que ouvir histórias é uma atividade que auxilia no processo de alfabetização, além de poder desenvolver o emocional da criança, fundamental no processo de socialização,

Espera-se que, futuramente, este trabalho possa ser mais aprofundado nesta escola ou em outras instituições destinadas a alunos com deficiência, dando uma contribuição ímpar ao desenvolvimento e aprendizagem da leitura de forma significativa e prazerosa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cláudia. C. Gorte. A contação de histórias na educação infantil como processo de formação de leitores. **Rev. F@pciência**, Apucarana – PR, ISSN 1984-2333, v.8, n.2, p.11 – 15, 2011. Disponível em: http://www.fap.com.br/fapciencia/008/edicao_2011/002.pdf. Acessado em: 15 out. 2017.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2008.

BRASIL. **Caderno de educação especial**. Alfabetização de crianças com deficiência: uma proposta inclusiva. Brasília, Ministério da educação, 2012. Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Educacao_Especial_MIOLO.pdf. Acessado em: 15 nov. 2016.

BRASIL. **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, DF, nov 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acessado em: 10 nov. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais, do terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. Acessado em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acessado em: 20 jul. 2017.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho et al. Contos de Fadas: recurso educativo para crianças com deficiência intelectual. **Psic. da Ed.**, São Paulo, 34, 1º sem. de 2012, p. 158-185. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n34/n34a09.pdf>. Acessado em: 15 out. 2017.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_a_importancia_do_ato_de_ler.pdf. Acessado em: 20 jul. 2017.

GLAT, Rosana; FERNANDES, Edicléa Mascarenhas. Da educação segregada à educação inclusiva: Uma breve reflexão sobre os paradigmas educacionais no contexto da educação especial brasileira. **Revista Inclusão**. N01, 2005, MEC/ SEESP. Disponível em: <https://pt-static.z-dn.net/files/df5/ac5f60b62303b5061bfba7c01690e129.pdf>. Acessado em: 10 nov. 2016.

HOLANDA, Maria de Fátima Duarte de; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. **Memórias da educação especial: da integração à inclusão**. João Pessoa: ed. Universitária da UFPB, 2008.

Plano Estadual de Educação. **Lei nº 10.099, de 11 de junho de 2014**. Dispõe sobre o Plano Estadual de Educação do Estado do Maranhão e dá outras providências. Maranhão, jun, 2014.

LIPPI, Elisiane Andréia; FINK, Alessandra Tiburski. A arte de contar histórias: perspectivas teóricas e práticas. **Vivências**. Vol.8, n14: p.20-31, Maio/2012. Disponível em: http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_014/artigos/artigos_vivencias_14/n14_02.pdf. Acessado em 27 jul. 2017.

LOPES, Maura corcini; DI'LGNA, Maria Cláudia. **In/exclusão: nas tramas da escola**. Canoas: Ed. ULBRA, 2007.

LOPES, Maura Corcini; FABRIS, Eli Henn. **Inclusão & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MACHADO, Ana Maria. **Como e Por que ler aos Clássicos Universais desse cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MALLMANN, Elena Maria. Pesquisa-ação educacional: preocupação temática, análise e interpretação crítico-reflexiva. **Cadernos de Pesquisa** v.45 n.155 p.76-98 jan./mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v45n155/1980-5314-cp-45-155-00076.pdf>. Acesso em 13 dez. 2017.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **O desafio das diferenças nas escolas**. 3. ed. Petrópoles. RJ: Vozes, 2011.

MICHELS, Maria Helena; GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. Sistema Educacional Inclusivo: conceito e implicações na política educacional brasileira. **Cad. cedes**,

Campinas, v. 34, n. 93, p. 157-173, maio- ago. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v34n93/0101-3262-ccedes-34-93-0157.pdf>. Acessado em: 25 jul. 2017.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Lei nº 1.727, de 23 de junho de 2015**. Dispõe sobre o Plano Municipal de Educação – PME de Codó, e dá outras providências. Codó, MA, jun 2015.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Resgate da memória e estímulo da imaginação. **Nau literária. Revista eletrônica de críticas e teoria de literatura**. Porto Alegre, vol. 04, n.01, p. 1-8, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/5844/3448>. Acessado em: 20 jul 2017.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**: sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2017.

APÊNDICES

Foto 1: Finalização da dramatização “O Fantasma da Máscara”.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Foto 2: Participação dos alunos na dramatização.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Foto 3: Voluntários e alunos em momento do projeto.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Foto 4: Momento de dramatização.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Foto 5: Dramatização “O mundo Mágico da Pestalozzi”.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Foto 6: Montando palavras na dramatização “Muitas Letras”.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Foto 7: Entrega de presentes.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Foto 8: Dramatização da História “No Fundo do Mar”.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Foto 9: Voluntários do projeto.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Foto 10: Momento apresentação de vídeo.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.